

GRIFO

Nº 60
OUT
2025

O JORNAL QUE RI

NOSSA HISTÓRIA
Todas as capas do GRIFO
PÁG. 22, 23 E 24

GERNOCÍDIO EM GAZA
Ativo a ser explorado?
PÁG. 9

JORNALISMO CULTURAL
50 anos de Versus
PÁG. 16



abraça o
GRIFO
cinco anos rindo e pensando

Cinco anos de GRIFO

Em outubro de 2020, Trump era o presidente dos Estados Unidos, tentava a reeleição e anunciou estar com coronavírus. O presidente brasileiro era Bolsonaro e também havia anunciado, em junho, estar contaminado na Covid-19, em outubro afirmava que “o problema” do coronavírus “foi superdimensionado”, que não iria comprar vacina da China e defendia o “fim do confinamento”.

Em Porto Alegre, no dia 27 de outubro, desenhistas da Grafar e alguns jornalistas lançaram, numa live, o **jornal O GRIFO**.

Criamos um jornal virtual como humoristas e jornalistas criaram **O PASQUIM**, em 1969: humor contra o mau-humor. Rir e pensar. Em voz alta. Além de Trump e Bolsonaro, o neoliberalismo também governava o Rio Grande do Sul e sua capital.

Em outubro de 2025, Trump está de novo na presidência estadunidense. A cor de laranja do cabelo amarelou, a pose de herói hollywoodiano permanece e seu governo é mais negacionista e intervencionista que o primeiro. Mas Bolsonaro não preside o Brasil: está confinado a uma tornozeleira, sem poder sair de casa, condenado por tentativa de golpe de Estado.

Algumas coisas melhoraram, mas o bolsonarismo permanece ativo. Cresceu no Congresso Nacional, onde tenta inventar uma anistia aos golpistas, proteger os ricos, tumultuar CPIs. Depois de inventar a PEC da Bandidagem, viu a população reagir com atos públicos em todo o país. Esse ativismo de combate à direita é uma diferença em relação ao período iniciado em 2020. E precisa continuar, pois a Câmara Federal arquivou o processo de cassação de Eduardo Bolsonaro, que em 27 de fevereiro foi para os Estados Unidos e não voltou.

O GRIFO acompanhou tudo o que aconteceu nesses cinco anos. E a gente decidiu, nessa edição 60 (o que dá a média de 12 por ano) fazer comparações, em textos, charges, cartuns e caricaturas entre 2020 e 2025. Está tudo nas próximas páginas. Confere aí. Como sempre acontece em nossos aniversários, teremos exemplares impressos.

(Marco Schuster)



O Grifo da Lu Vieira

GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito.

Publicação de cartunistas

da Grafar (Grafistas

Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Brady Izquierdo, Jorge Armas e Michel Moro

Paraná: Beto

Rio de Janeiro: Cláudius, Máximo e Miguel Paiva

Rio Grande do Sul: Bier, Carlos Roberto Winckler, Cid Dávila, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias, Ernani Ssó, Eugênio Neves, Fabiane Langona, Gilmar Eitelwein, Guazzeli, Hals, José Weis, Juska, Kayser, Lancast, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Mácio, Paulo de Tarso Riccordi, Santiago e Schröder

Rússia: Konstantin Chakhirov

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Turquia: Erdogan Başol

Arte da capa: Mácio

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**
<https://linktr.ee/jornalgrifo>



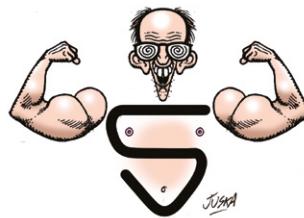
Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 1**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 2**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 3**



A lógica da turbulência

Carlos Roberto Winckler

Donald Trump é visto por muitos como um palhaço a conduzir uma potência decadente de forma atabalhoada, expondo o mundo ao risco de destruição final. Um palhaço letal como mostra seu apoio material e político ao genocídio em Gaza perpetrado por Israel, na prática uma colô-

nia estadunidense. Não oculta suas intenções. Em outras épocas, governantes escondiam com certo pudor suas decisões políticas, tornadas públicas com a desclassificação de documentos top secret passadas algumas décadas. Agora tudo é praticamente feito à luz do dia, um grande show,

com uso de técnicas teatrais e de fragmentos de justificativa: a defesa dos “valores do Ocidente”, “da liberdade”, “da democracia”, “do livre mercado”, repercutidas ao infinito pelas redes sociais no espaço controlado por essa forma de capitalismo, que assume, não só nos EUA, aspectos fascis-

tas. Mesmo serial killers como John Wayne Gacy, o Palhaço Assassino, como o denominava a imprensa estadunidense, responsável por 33 assassinatos de adolescentes, além de estupros e abusos sexual, condenado e sentenciado à morte, mantinha uma fachada por conta de serviços de caridade como Pogo, o Palhaço.

Trump é o sintoma de profunda decomposição social. Exacerbam-se a brutalidade, o niilismo, o culto ao dinheiro e a expansão da extrema direita fascizizante que mobiliza o medo face à crise civilizatória. Mas com certo método, como mostra o Projeto 2025 pré-eleição de Trump, de reorganização do Estado (uma utopia reacionária com aspectos universalistas) analisado por David A. Graham (**O Projeto**, edição brasileira), prevendo inclusive a expansão da guerra tarifária com ressalvas, combinado ao reforço ideológico do fundamentalismo religioso. Os EUA empenham-se em derrotar a China fragilizando sua economia com tendências socializantes, e a Rússia sua aliada estratégica (a russofobia nunca saiu de pauta na política externa ocidental), em enfraquecer o Brics criado formalmente em 2009, o antineocolonialismo que ressurge na África e oposição aos governos antineoliberais na América Latina (AL).

Na AL o ciclo de governos pós-neoliberais abriu-se com a eleição de Hugo Chávez (Venezuela, 1998), seguindo-se Lula (Brasil, 2003), Néstor Kirchner (Argentina, 2003), Frente Amplia (Uruguai, 2004), Evo Morales (Bolívia, 2006), Rafael Correa (Equador, 2007), Xiomara Castro (Honduras, 2009), López Obrador (México, 2018), Gustavo Petro (Colômbia, 2022), Gabriel Boric (Chile, 2021), Pedro Castillo (Peru, 2021).

A reação conservadora nas duas primeiras décadas do século

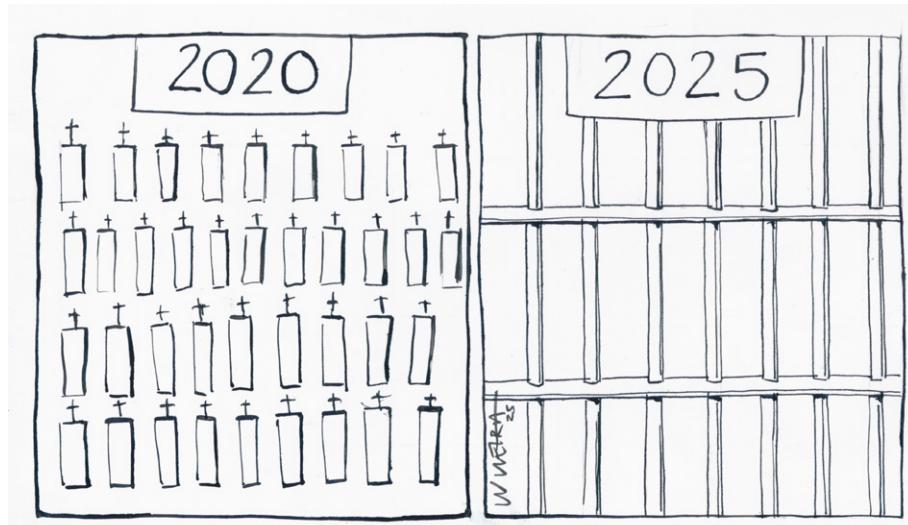
XXI deu-se através de um novo tipo de golpe com apoio decisivo dos EUA: a guerra híbrida, onde valem mecanismos de lawfare, impeachment a qualquer pretexto e amplo uso da mídia. Honduras, Paraguai e Brasil foram pioneiros nesse tipo de ataque. Nos anos recentes a América Latina tem como países de peso, contrapostos ao neoliberalismo: México, Brasil, Venezuela, Colômbia. Países que privilegiam políticas sociais, defendem processos de integração regional e o multilateralismo, um dos pilares do Brics.

Desses países apenas o Brasil faz parte do Brics, em que pese as aproximações dos demais à China e ao Novo Banco de Desenvolvimento do bloco de economias emergentes. A situação política na região permanece heterogênea. Na Bolívia disputaram o segundo turno das eleições presidenciais dois candidatos da direita, no Peru e Chile crescem



as chances da direita e extrema direita. No Brasil, Lula é favorito à reeleição em 2026. Os EUA privilegiam, nesse momento, a escalada de hostilidades contra a Venezuela, um experimento que vai além do reformismo dos demais países. A Revolução Bolivariana resistiu a todas as formas de golpes e sanções e, pecado mortal: o país possui as maiores reservas de petróleo do mundo. Como os EUA sustentarão guerras com uma dívida pública de 36 trilhões de dólares, mais de 120 % do PIB, com o país mergulhado em crise interna? A permissão pública dada à CIA para assassinar é mais barata.





Brasil 2020-2025

Luiz Augusto Faria

O ano de 2020 foi trágico em mais de um sentido. O desmando bolsonarista que a machadadas foi destruindo as instituições do Estado, a economia paralisada e o desemprego elevado, a queda da renda dos brasileiros e a volta do terrível espectro da fome. O pior foi a covid-19, atemorizando, adoecendo e matando centenas de milhares de brasileiros. Como em todos seus malfeitos naquele ano e sempre, o indizível então presidente debochava de todo aquele sofrimento e produzia mais vítimas com as ações e omissões de seu desgoverno. Incentivado pela impunidade que o beneficia desde quando deveria ter sido expulso do Exército por indisciplina,

40 anos atrás, dobrava a aposta em suas barbaridades.

Foi naquele ano turbulento que nasceu nosso **GRIFO**, um contraponto soridente e até es-crachado a tanta tragédia. Uma aposta esperançosa no que nós humanos podemos fazer de melhor, com empatia e reconhecimento mútuo. E com a crítica que se espelha na arte de fazer rir. Nossa Brasil e o mundo ocidental, para onde foi arrastado pela colonização portuguesa, sofriam não apenas da doença que atingia a humanidade em todo o planeta, mas também da decadência da civilização e do modo de vida inventado pelos europeus e espraiado por todos os lugares.

A impotência e mesmo a incúria ao enfrentar a pandemia revelavam o descenso de uma cultura que fora nos últimos cinco séculos sinônimo de progresso social e do triunfo da razão e da ciência. Teses conspiratórias, negacionismo e elixires mágicos tão criticados pelos europeus como credices milagrosas na época do Iluminismo, foram adotados não só por nosso grotesco então presidente, mas também nos EUA e Europa. Em contraste, e fora da civilização ocidental, a Ásia, foco original da doença, e também a África, tornaram-se os lugares onde a pandemia foi mais eficientemente combatida, sofrendo as menores taxas de mortalidade.





democracia foi julgada e ele, condenado, já começou a cumprir sua pena em prisão preventiva. O serviço público, que está em processo de reestruturação, já foi capaz de melhorar o atendimento da população, em especial na esfera da assistência social com o bolsa-família e com o minha casa minha vida. E ainda houve a valorização do salário-mínimo.

No plano da economia, além da reforma dos impostos indiretos, um grande avanço foi a desoneração dos salários até R\$ 7.350,00 do Imposto de Renda e a ampliação, ainda que tímida, da carga tributária dos muito ricos. A função do Estado como planificador do desenvolvimento foi retomada com a nova política industrial e o direcionamento do crédito para setores prioritários que sejam capazes de permitir ao país reduzir sua desvantagem técnica e produtiva atual. Ainda temos as amarras do arcabouço fiscal e seu gasto engessado, bem como uma taxa de juros aberrante, que precisarão ser enfrentados em seguida.

Com fé e força podemos confiar em mais e melhores dias por vir. Mas tudo depende da política e sua arte de dissentir e conciliar pois, até o presente, muito do que o governo Lula poderia fazer ou foi bloqueado no Congresso ou nem foi tentado por respeito à correlação de forças na sociedade. Estamos do lado daqueles que, como Danton, preferem sempre a audácia. Mas, às vezes, um ou vários grãos de sal são precisos, ou preciosos.



Grandes crises e tragédias são muitas vezes criadoras de oportunidades de avanço e superação. Em nosso caso brasileiro, a pandemia interrompeu a continuidade de um novo choque neoliberal no país. Por um lado, o serviço público foi forçado a agir para proteger e cuidar da população, sustando o desmonte que vinha se implementando desde o golpe contra Dilma em 2016.

Da mesma forma, o corte de gastos teve de ser abandonado, em seu lugar surgiu um dos maiores déficits da história pela necessidade de ampliar gas-

tos com a saúde e para garantir renda à população impedida de trabalhar. Em lugar do arrocho fiscal, uma saudável e keynesiana expansão da demanda efetiva colocou a economia outra vez na rota do crescimento. De uma taxa entre menos de zero e no máximo 1% de aumento do PIB subimos para entre 3% e 4% no pós-covid.

Assim, depois de cinco anos muita coisa mudou e para melhor. O capitão - ou capetão -, perdeu as eleições. Mesmo tentando um golpe de Estado para não deixar o poder, não só foi dele excluído como sua conspiração contra a

Pix's

A Globo News festejando que os israelenses e os palestinos “podem finalmente voltarem para suas casas”: ou é um cinismo inacreditável ou é um... cinismo inacreditável.

O tal Joel, da Globo News, cumpre um papel asqueroso de normalização do genocídio palestino e de uma equiparação cretina.

92% dos lares palestinos foram destruídos em Gaza, é possível saber disso sem desabar emocionalmente? Gaza já era uma favela, agora é um enorme cemitério.

Não, Diane Keaton não foi minha namorada. Primeiro porque eu já era grandinho para ter namoradas cinematográficas e depois porque eu já tinha uma namorada parecida com ela. Talvez por isso Diane Keaton se transformou numa atriz por quem tenho um enorme carinho. Aliás, esta parece ser uma característica sua: despertar o carinho das pessoas. Sem ser sexy ou voluptuosa como Virna Lisi, sem ser excepcional como Meryl Streep ou linda como Michelle Pfeiffer, Diane Keaton encontrou um lugar privilegiado na indústria cinematográfica.

Premiar Maria Corina Machado com o Nobel da Paz é o mesmo que distinguir Bolsonaro pela paz. Os jornalistas da Globo News se escudaram no identitarismo e num suposto “rodízio do poder” para defender o prêmio à venezuelana golpista ao invés de Antônio Guterres, por exemplo.

O jornalismo, mesmo quando rarefeito e ocasional, é muito importante. Ontem, a Globo News fez um inequívoco link entre o Tarcisio, o metanol e o PCC. A repórter lembrou que a repressão da PF na Faria Lima fechou postos e distribuidoras de combustíveis pode ter forçado o deslocamento do produto para a fabricação de bebidas. A fúria de Tarcisio só aumenta a desconfiança geral.

ZH, que assistiu inerte a destruição da educação no RS e em Porto Alegre, defende o cartel escandaloso das autoescolas.

Lula é um operário e sindicalista que o movimento o empurrou para um partido político, para a Presidência da República e para a história. Ciro Gomes é um oligarca que a vaíade fez perambular por inúmeros partidos em busca da presidência e agora faz os últimos e definitivos movimentos políticos que o riscarão da história.



Comigo não, violão

GRIFO está fazendo cinco anos. Sessenta números de um jornal que nasceu para enfrentar vírus e vermes. Inspirado no **PASQUIM**, antecedido por uma exposição de cartuns censurada por um vereador fascista da Câmara de Vereadores de Porto Alegre e precedido por um suplemento de humor do Brasil de Fato, o “Jornal Que Ri” apareceu porque era preciso. Antes de mais nada, porque era decisivo continuar rindo. Além disso, era vital lutar contra os vermes que brotavam dos esgotos por todo o Brasil e reagir aos vírus que contaminavam o país com o apoio dos vermes. O **GRIFO** surgiu para que não enlouquecêssemos imobilizados pela pandemia e espremidos pelo neofascismo que tomou conta do país em 2018 depois de um golpe gestado em 2013 e desencadeado em 2016. Ele nasceu em 2020 como nasceu seu avô **PASQUIM** em 1969, para botar o dedo na cara do medo e gritar: comigo não, violão.

O **GRIFO** é um milagre, se acreditássemos em milagres, realizado mensalmente por duas dezenas de cartunistas e mais uma dezena de escribas que, voluntariamente, se dedicam a esgravatar a realidade para cutucar os vírus e encarcerar os vermes. Achamos que está bem legalzinho até agora.

quer que escreva?



Da destruição ao negócio

Paulo de Tarso Riccordi



A destruição de Gaza ainda não terminou e já se articula um projeto que transforma tragédia em oportunidade. Donald Trump e aliados israelenses tratam a reconstrução não como reparação, mas como negócio. Termos como “bonança imobiliária” e “Riviera do Oriente Médio” revelam a lógica: Gaza como ativo rentável.

Trump propõe “tomar o controle administrativo” e criar o Great Trust (Gaza Reconstitution, Economic Acceleration and Transformation), fundo que atrairia capital privado em troca de participação em empreendimentos. Gaza, reduzida a ruínas, seria reconstruída como polo turístico e comercial.

Trump e Kushner: negócio em família – Trump, incorporador com histórico de fraudes e falâncias estratégicas, descreveu Gaza como ideal para “um projeto urbanístico moderno”. Jared Kushner, herdeiro da Kushner Companies, chamou a Faixa de “propriedade à beira-mar extremamente valiosa” e sugeriu “realocação temporária” de palestinos para reerguê-la sob “nova lógica urbana”.

Kushner acumula controvérsias: em 2021, empresas suas foram condenadas por “taxas enganosas” e despejos ilegais; em 2022, pagou US\$ 3,25 milhões em acordo por práticas predadoras.

O arranha-céu 666 Fifth Avenue, cuja dívida bilionária o levou a buscar capital estrangeiro enquanto atuava na Casa Branca, exemplifica a fusão entre política e negócios.

Negociadores ou incorporadores? Trump escolheu para “negociar a paz” nomes do setor imobiliário. Steve Witkoff, do The Witkoff Group, visitou Gaza e lidera o planejamento de reconstrução. Tom Barrack, fundador da Colony Capital e embajador na Turquia, foi acusado de atuar como lobista de governos estrangeiros. Fundos como o seu buscam ativos desvalorizados e concessões longas — exatamente

o que Gaza destruída oferece.

Quando negociadores são também potenciais beneficiários, o conflito de interesses deixa de ser exceção e vira método.

Netanyahu e Smotrich: a cumplicidade local – O plano não avança sem o aval israelense. Em 17 de fevereiro de 2025, Benjamin Netanyahu declarou à Al Jazeera: “Israel está comprometido com o plano do presidente dos Estados Unidos para a criação de uma Gaza diferente.”

Em 29 de setembro, ao lado de Trump, foi explícito: “Ele trará de volta nossos reféns, desmantelará o Hamas e garantirá que Gaza nunca mais represente ameaça.”

Netanyahu também endossou a ideia de deslocamento dos palestinos. À Fox News (5 de fevereiro), disse: “Eles podem sair e depois voltar... mas é preciso reconstruir Gaza.”

O ministro das Finanças Bezael Smotrich vai além. Em 17 de setembro, a empresários, afirmou: “Há uma verdadeira bonança imobiliária ali. Já iniciei negociações com os americanos.” No dia seguinte, à Sky News: “Israel gastou muito dinheiro nesta guerra, então precisamos decidir como obteremos nossa porcentagem no mercado de terras depois, em Gaza.”

As frases tratam Gaza não como território habitado, mas como ativo a ser explorado.

Reconstrução ou espoliação? Chamam de reconstrução, mas a lógica é privatização territorial. Um fundo de investimento, incorporadores à mesa e a retórica de “divisão de mercado” revelam o plano: resorts, marinas e zonas de livre comércio sobre ruínas e campos de refugiados — não para palestinos, mas para investidores internacionais.

Milhares de palestinos seguem deslocados, sem garantias de retorno e sem voz sobre o destino de suas terras. A “relocação



temporária” soa como eufemismo para expulsão permanente, e transformar Gaza em empreendimento normaliza a ideia de guerras como oportunidades de lucro.

O plano representa um conflito de interesses obsceno: negociadores são incorporadores, promotores da paz calculam margens de lucros, ministros falam em “bonança imobiliária” enquanto corpos ainda são retirados dos escombros. Mas-

sacre vira investimento, destruição e oportunidade.

Se levado adiante, Gaza deixará de ser símbolo do genocídio para se tornar um condomínio global — tomado não apenas por tanques, mas por tratores e escrituras. Sob a cumplicidade de Netanyahu e o entusiasmo mercantilista de Smotrich, os piratas da construção civil estadunidense herdaram Gaza — não para devolvê-la ao seu povo, mas para vendê-la.

Dois amigos e a paz montada num cavalo branco

Moisés Mendes

Dois amigos bebem cerveja sem álcool no Chalé da Praça XV, onde já tomaram porres inesquecíveis. Um ainda repete que o fascismo não passará, e o outro tem certeza de que eles passaram e continuarão passando.

Passam no mundo todo, diz o amigo mais pessimista, que foi líder estudantil e socialista tardio e hoje não é mais nada. Ele faz um balanço terrível, toda vez que se encontram.

Passaram no Iraque, passaram no Afeganistão, passam por onde querem. Sem falar da Líbia e agora da Síria. Mas sempre disseram que eles não passariam em Gaza, porque o Hamas não iria deixar.

O Hamas não conseguiu conter a matança neonazista, mas eles não teriam a petulância de atacar o Hezbollah. Porque entram em Gaza, mas no Líbano eles não entrariam. Com o Hezbollah o furo era mais embaixo.

Entraram e mataram quem queriam matar. Mataram sete líderes do Hezbollah, dentro do Líbano. O amigo pessimista conta nos dedos: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete.

E ficou por isso mesmo. Mas com o Irã eles não iriam se meter, porque o Irã deve ter, mesmo que não se tenha certeza, armas nucleares. Mas eles mataram o general Suleiman, alto chefe da segurança do Irã, que foi cercado e morto por drones no Iraque.

Pois é. Mas até poderiam matar um líder iraniano em Bagdá, mas de Teerã eles não chegariam perto. Eles chegaram e mataram dois chefes da Guarda Revolucionária, dentro de Teerã.

Mataram um chefe do Hamas dentro do Irã. Invadiram o espaço iraniano com aviões com bombas e largaram as bombas em ins-



talações nucleares.

Largaram mais de uma vez. Atacaram, foram embora e voltaram a atacar de novo. Atacaram três usinas.

Mas o Irã iria reagir com força nunca vista. E então o Irã atacou bases americanas no Catar. E não atacou mais nada.

O amigo que ainda é otimista diz que a resposta do Irã pode acontecer daqui a alguns anos, mas deve acontecer. Que é uma estratégia, que o mundo árabe e muçulmano não pode ser assim tão covarde diante dos ataques deles aos povos amigos ou pelo menos vizinhos.

Por que nenhum poderoso do mundo árabe defendeu Gaza com determinação?, pergunta o pessimista. O outro finge que a pergunta não foi feita.

E seguiram os dois tomando cerveja sem álcool e comendo torrada só com queijo, até que o amigo pessimista disse que a invasão da Venezuela pelos Estados Unidos, que aconteceu ontem, poderia ser o fim, porque nem no período da guerra fria havia acontecido algo parecido.

O amigo pessimista disse que a queda Maduro era um duro golpe. Que é provável até que ele seja levado para Guantánamo.

O amigo pessimista lembrou, enquanto outro escutava, quieto, que a Europa toda comemorou a ascensão de Maria Corina ao poder.

Porque era a primeira mulher Prêmio Nobel da Paz a chegar à presidência de um país por um movimento libertário liderado por Trump.

Os movimentos feministas de extrema direita da Europa e do Brasil estão comemorando o fato de uma mulher ter chegado, com o suporte do Nobel, à presidência da Venezuela, disse o amigo pessimista. É dose, disse ele. É brabo.

O amigo otimista rebateu, pela primeira vez naquele encontro, mas meio sem força na voz, com a frase de que eles não passarão.

E viu então o amigo pessimista mostrar no celular a foto de Maria Corina chegando ao Palácio Miraflores de Caracas montada num cavalo branco.

O amigo otimista deu de ombros e pediu outra cerveja, mas agora com álcool.

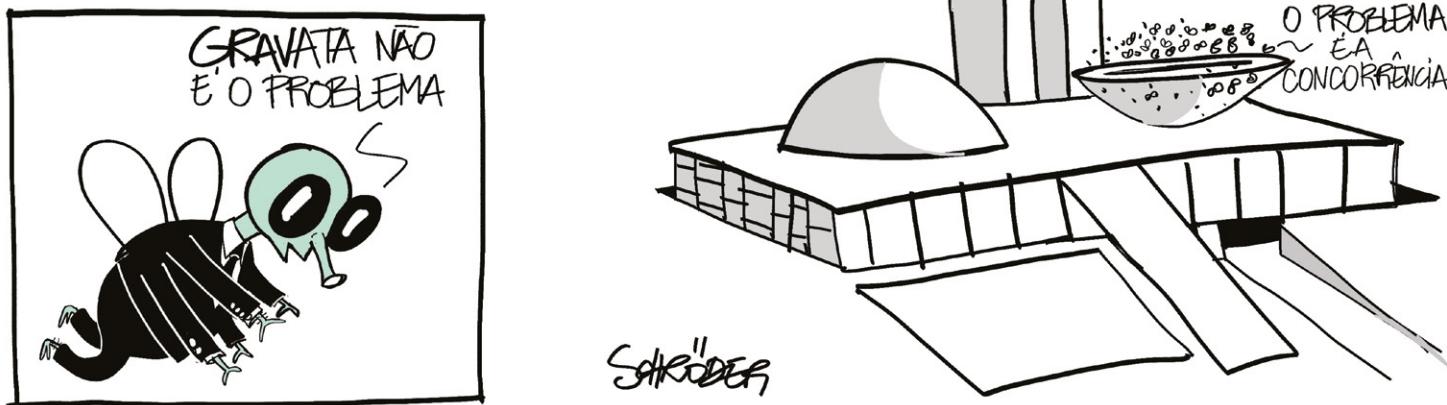
BLAU Bier



ZÉLIA E DIRCE 60+ Fuchs



VAREJEIRAS EM CRISE Celso Schröder



Lu Vieira



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



PURGATÓRIO PUB Cid Dávila





BAR do NEREU

Em boteco entra de tudo. Foi assim que um cara grosseiro nunca antes visto no pedaço se apresentou depois do terceiro martelo. Disse que tinha ido numa casa de mulher à tarde e que pegou uma veterana "muito larga". O pessoal se entreolhou sem jeito. Joelma, que revisava o celular na mesa do fundo, mandou o cara tomar no rabo e foi-se embora. Logo me veio à mente um causo contado pelo saudoso Seu Bubi, sogro oficial que tive no Entre-Ijuís, a respeito dum sujeito de que ouvira falar quando trabalhava no Alegrete. Em sua juventude, nos anos 1950, Seu Bubi era motorista do Águia da Missões, único ônibus com sanitário que fazia a linha pra Uruguaiana. De vez em quando um tropeiro, mal acostumado com as novidades, deixava um cagalhão rolar pelo corredor. Mas a história era sobre o Coronel Quinho (acho eu era esse o apelido). Certa feita, o coronel foi visto despachando a esposa pra Porto Alegre no trem da tarde. Um parente próximo indagou a respeito e a resposta foi direta:

- Tá muito larga. Vai pra capital fazer uma plástica pra apertar as coisas.

Algumas semanas depois, novamente mandando a mulher pra Porto Alegre, tornou a ser interpelado pelo compadre. Respondeu no mesmo molde:

- Volta pra operação plástica. Ficou apertada demais.



OUTRORA

Um sobrado antigo fantasmeia
No pátio ensolarado

O gramophone me percorre
Um tango molengo desce
as calhas

Eu te avoco lentamente nos
tetos com telas
De pé direito alto
E o enferrujado portão da entrada
Te revela numa fotografia em
lambe-lambe

Com um buquê sépia
entre as mãos

Curiosamente te reconheço
nos jardins
Que nunca percorri

Talvez por isso as escadas
se demorem
Quando atravesso a Rua da Praia
Ao final da tarde
Nas memórias dum
sábado ancestral

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

Se Trump é a pomba da paz,
tá cagando o planeta inteiro.

**Quem levou o guri pra passear
no Dia da Criança?**

Gildo de Freitas era chamado
de grosso porque ninguém
conhecia Marco Rubio.

**Ministro Fux é um inimigo
na foxhole...**

Depois do Papai Noel, Tarcísio
de Freitas é o novo garoto
propaganda da Coca-cola.
Desde que não tenha etanol...

**Bozó já avisou que nada
tem a ver com o roubo das
jóias no Louvre.**

É uma ironia o pinguço beber
cachaça desde os 13 anos e
morrer por etanol aos 68.
Eram tempos sem PCC.

**Um cadeirante dos EUA pediu
ao governo uma cadeira
elétrica. Foi eletrocutado.**

A economia tá aquecida,
mas a grana não esquenta
no meu bolso.

**Que gentinha essa da direita,
hein? Vamos descartar o
lixo corretamente nas
próximas eleições!**

A morte é hereditária,
mas quase sempre chega
falsa de hora...

**Ejaculação precoce: a pressa é
amiga da imperfeição.**



Buracos negros e o queco

Andei pensando nos buracos negros, esses dias. Talvez pensar seja um verbo prestigioso demais, então digamos que andei encucado com os buracos negros. Ou nem isso, encucado com o que sinto em relação a eles, mesmo que sejam tão reais pra mim quanto os unicórnios, basiliscos ou a mula bolsonarista, aquela sem cabeça.

Nunca investi meu tempo em coisas como palavras cruzadas, mas às vezes invisto na leitura de artigos sobre buracos negros. Não entendo nada, evidentemente, ou entendo que entendo menos os físicos do que os economistas. É batata: depois de duas ou três frases, não tenho a menor ideia do que eles estão dizendo. Eu devia me sentir humilhado, no caso dos físicos, mas não, reajo como o religioso analfabeto diante da Bíblia: tenho fé na palavra deles.

Agora, com ou sem fé, a pergunta bate: que raios é essa cholera, digo, o mundo? Não basta ser uma chusma de milhões de galáxias recheadas por uma chusma de milhões de sóis e planetas, ainda tem buracos negros. É demais, meu caro. É com o cara

que, além de surdo, cego e mudo, tem três pernas e vinte dedos em cada mão. Mas é pior. A maior parte do mundo é só pedras, gasses e desolação. Pelo que se sabe até agora, há diversão apenas aqui, na Terra. Sim, diversão truculenta e com jeito de se encaminhar pra novo estágio de pedras, gases e desolação. Aproveite – a oferta tem tempo limitado.

Olha, o troço tem passado e futuro obscuros, é grande demais pra caber em nossa imaginação e, pra acabar de tripudiar, não parece ter outro propósito que estar aí entretido consigo mesmo. Se se encara isso tudo a sério, é capaz de a gente ficar tontinho e, como diria o grande Aldir Blanc, “adevolver o pirão”.

Ou a seriedade está fora do meu alcance, ou meu ego tem um sistema imunológico tipo Tarzan. Diante da vertigem do universo, com os buracos negros no papel principal, eu acho graça. Porra, eu – menos que o peido de um protozoário nesse circo mam-bembe –, aqui preocupado em escrever um textinho razoável pro GRIFO como se fosse concorrer ao Nobel. Não dá vontade

de mandar o GRIFO e todo o resto à merda?

Pois não é que não dá?

Foda-se o mundo – o vasto mundo aí ao redor, rugindo seu silêncio aterrador. Tenho mais o que fazer, tá sabendo? Me parece que reajo como o próprio mundo, atrás de um propósito incerto, ou propósito nenhum, entretido comigo mesmo. Daí me lembro da observação do Borges sobre Willian Henry Hudson, que melhorou uma frase que James Boswell divulgou: muitas vezes na vida ele tentou estudar a metafísica, mas sempre foi interrompido pela felicidade.

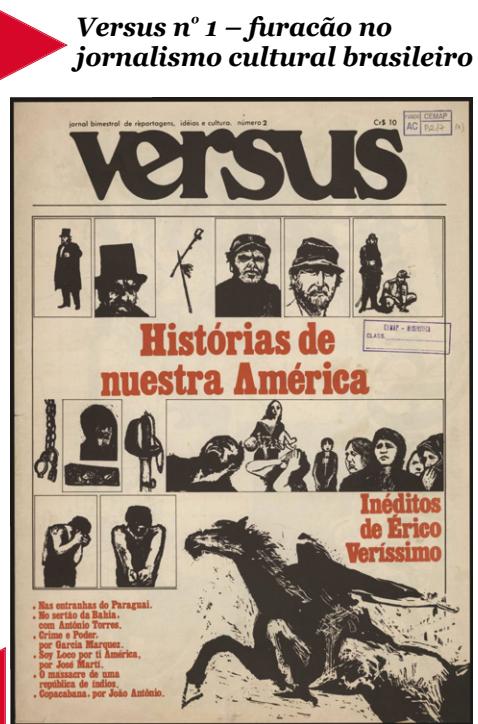
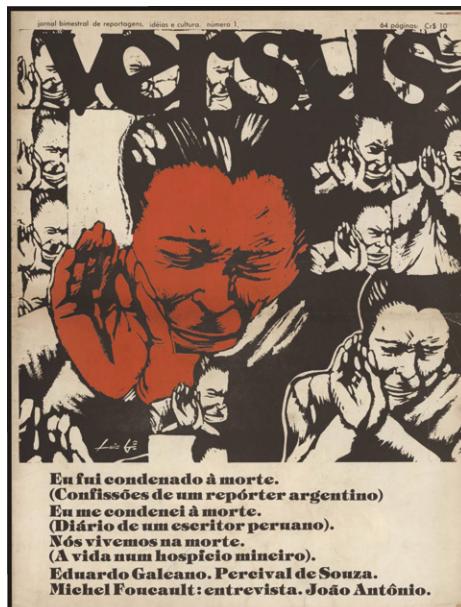
Felicidade me parece uma palavra anabolizada. Eu, mais bruto, sou interrompido por necessidades básicas, como a intimidade com uma mulher, papo com os amigos, um bom livro, um bom filme, um bom prato e um bom vinho. Puxa, ia esquecendo: comer bergamota ao sol. Há ainda algumas alegrias, como esperar os dias do Bolsonaro na Papuda, ou o prazer pelo prazer, como escrever este textinho pro GRIFO, numa comemoração oblíqua de seu aniversário de cinco anos.

Versus 50 anos, além do jornalismo

Quando mais uma vez o imperialismo mostra suas mandíbulas arreganhadas, faz muita falta um jornalista da dimensão de Marcos Faerman, que faleceu precoceamente em 1999, assim como seu jornal Versus. Quando saiu o primeiro número, em outubro de 1975, no mesmo mês em que foi assassinado o jornalista Wladimir Herzog, em São Paulo, Versus disse a que veio. Um jornal que combateu e denunciou o autoritarismo que sufocava o Brasil e a América Latina.

Desde a capa, a diagramação, a arte que ilustrava as matérias, tudo surpreendia pela qualidade e ousadia. Os textos abordavam temas que o clima político da época não tolerava. Nas palavras do próprio Faerman, “foi um furacão na imprensa cultural brasileira”. Era “um jornal bimestral de reportagens, ideias e cultura”, como indicava a capa. Entre outras, buscava criar e encartar um caderno de jornalismo negro e as histórias, as culturas e as lutas dos povos originários da América Latina e do Brasil.

Profissional com experiência em projetos renovadores, como foi o caso da Folha da Manhã, de Porto Alegre, onde trabalhou com Marcos Faerman, Osmar de Barros Filho, o Matico, foi convidado pelo Marcão para participar do projeto de Versus. Matico foi de mala e cuia para São Paulo e já no segundo número participou direto na produção de um encarte sobre a obra de Erico Verissimo. O escritor faleceu em novembro de 1975. Na edição de dezembro, Versus dedicou um



Versus nº 2 – América Latina e Erico Verissimo

espaço ao autor de *O Tempo e O Vento*, publicando uma de suas últimas cartas, onde respondia à uma solicitação de Marcos Faerman, que havia pedido uma colaboração do escritor, era justamente para uma homenagem aos 70 anos de Erico. A missiva chegou dias depois da sua morte.

Versus despertou e incentivou movimentos que se firmaram para além do necessário combate à Ditadura, um jornal que desde o projeto gráfico, os textos aprofundados das reportagens, tinha “jornalistas e repórteres com DNA”, enfatiza Matico. Outro ponto importante eram os colaboradores de fora do Brasil, em cidades da Europa e África, isso multiplicava o conteúdo. A redação reunia veteranos e jovens jornalistas além de artistas gráficos, militantes do movimento negro e feminista.

Correspondentes de peso
Osmar de Barros Filho lembra

que Eduardo Galeano, no exílio em Barcelona, era um dos colaboradores internacionais, “a gente pagava ele com uns poucos dólares”, lembra Matico. E da África e suas lutas pela independência de países, como Moçambique, o repórter era outro gaúcho, Licínio Azevedo, enquanto Marcos Paz Rodrigues informava sobre a Nicarágua. Era assim, Afro-Latino-América tinham seus espaços no Versus.

Matico também ressalta a importância do jornal para mobilização, organização e luta que originou entidades como o Movimento Negro Unificado e, no feminismo, o Nós Mulheres, que ampliavam os focos nas políticas públicas e movimentos sociais. Aqueles que, segundo ele, também geraram o que se tornou mais tarde o Partido dos Trabalhadores, por exemplo.

Um jornal que na sua trajetória registrou da morte de Herzog à Anistia, a necessária, em 1979.



Mein Kampf – Edição Especial Influencer

Fala, galerinhaaaa do Reich digital! Tudo bem com vocês?

Seguinte: hoje eu vim aqui, nessa live exclusiva, pra contar como o meu livro *Mein Kampf – Edição Especial Influencer* vai mudar completamente a sua visão de mundo (e possivelmente o mundo mesmo).

Primeiro de tudo, mano: link na bio, tá? Usa o cupom FÜHRER10 pra garantir desconto. E se comprar hoje, ainda ganha um wallpaper exclusivo com minha foto olhando seriamente pro horizonte. É perfeito pra quem quer inspiração autoritária no celular.

Gente, vocês vivem reclaman-

do aí no chat: “Ah, minha vida não anda, ninguém me respeita, o país tá uma bagunça...”

Pois é, eu também já passei por isso. A diferença é que eu escrevi um livro inteiro explicando de quem é a culpa (spoiler: não é minha) e como a gente pode consertar TUDO.

Olha só o que você vai aprender:

Como transformar frustração pessoal em um movimento global.

O segredo para fazer multidões gritarem seu nome. E não de um cantor de sertanejo.

Como ganhar milhões de seguidores sem precisar dancinha. E só levantando o braço pro alto.

E gente, não caiam nessa de

“ah, mas é polêmico”. Polêmico é deixar seu algoritmo nas mãos de gente que nem lê o que compartilha. Aqui, você vai ter ideias CLARAS, DIRETAS e, na minha opinião, GENIAIS.

Então corre lá: Mein Kampf – Edição 2025, com nova capa, fonte maior e até QR code pra playlists motivacionais. Compra agora e entra pro meu Clube Premium do Reichskanzler, onde eu faço lives só pros mais fiéis. Já rolou até tutorial de como fazer pose de líder pra foto.

Enfim, galera, é isso. Não deixa o inimigo ganhar no engajamento. Compra, lê e compartilha.

Euer Führer, Adolf.

Cristo caminhava sobre as águas, não? E daí? O lagarto conhecido como basilisco, corre sobre as águas, e nem tem descendência divina, que eu saiba. (Ernani Ssó)

A Igreja nunca disparou mísseis, mas seus missais já devastaram mais consciências que qualquer bomba. (Carlos Castelo)

O chato da solidão é quando dos teus interlocutores sobraram apenas as paredes. (Ernani Ssó)

Há quem diga que a mídia não tem influência no que acontece no país e só cumpre o seu papel. Só se for papel higiênico. E usado! (Celso Vícenzi)

Fica provisoriamente adiado o plano da "construção" da Grande Israel. Netanyahu e seus adeptos terão que esperar um pouco mais para anexar o Oriente Médio, mais ainda a Europa e muito mais o resto do mundo. (Mouzar Benedito)

Não é porque a existência me parece mais uma ópera bufa que uma tragédia que dói menos. (Ernani Ssó)

A natureza, sempre equilibrada: deu-nos o sexo para povoar o mundo e os bacilos para despojar. (Carlos Castelo)

Num para-choque de caminhão: "Cer motorista e facel, o deficel e cer responsalvez." Não, o difícil é ser escritor num país como o Brasil. (Ernani Ssó)

A justiça, no Brasil, sempre foi assim: quando quer, lava a jato; quando precisa esconder, pinga a gotas. (Celso Vícenzi)

ICL: "O grupo de formandos do recém-encerrado 38º Curso de Formação de Soldados da Polícia Militar (PM) de Mato Grosso do Sul foi filmado na sede do comando-geral da corporação, o Palácio Tiradentes, em Campo Grande, entoando uma música que exalta a prática de tortura. 'O interrogatório é muito fácil de fazer: eu pego o vagabundo e bato nele até morrer'. Reação a isso? Necas de pitibiribas, nem à má redação da letra. Agora, se a PM fosse uma organização vagamente esquerdista... (Ernani Ssó)

Tipo do sujeito tão belicoso que, quando vai ao Mercado Público, só sai de lá com camarão-pistola e peixe-espada. (Celso Vícenzi)

Marmota por marmota... quem é mesmo o presidente da Câmara dos Deputados? (Mouzar Benedito)

A cultura americana é tão democrática que até os preconceitos fazem parte do livre mercado. (Carlos Castelo)

Os generais golpistas Figueiredo e Heleno, um grosso que no máximo entendia de cavalos e um boca mole que comandou uma matança no Haiti, são os únicos milicos detentores da tríplice coroa: primeiro lugar nos três cursos de formação das Forças Armadas. Nada melhor como prova contra a implantação de escolas cívico-militares e alerta pra mudança radical no currículo da formação dos homúnculos fardados. (Ernani Ssó)

Rir é mastigar o absurdo sem precisar engolir. (Carlos Castelo)

No interior do Pará, um goleiro de futsal caiu morto enquanto comemorava a defesa de um pênalti. Qual a probabilidade de um de nós morrer feliz assim? (Ernani Ssó)

As leis são como salsichas: ninguém deveria ver como são feitas. (Carlos Castelo)

Os políticos do agro até topam aceitar uma comissão para tratar da questão do meio ambiente. Comissão de quantos por cento? (Mouzar Benedito)

Deus retira uma costela de Adão e a transforma em Eva, a primeira mulher; a virgindade perpétua de Maria, antes, durante e depois do parto de Jesus; a criação do mundo em seis dias; a arca de Noé; a travessia do Mar Vermelho; a Torre de Babel que deu origem às línguas... cá entre nós, a Bíblia, há mais de 3 mil anos, é a mais difundida plataforma de fake news. (Celso Vícenzi)

Grifeiros na Feira

Aproveita a Feira do Livro de Porto Alegre (até 16 de novembro) para comprar livros de colaboradores do GRIFO.

Tarso Riccordi lança reunião de seus contos premiados em Portugal no livro *O contra da charrete tão linda que ninguém queria comprar* (Editora Coragem).

Autógrafos dia 5/11, 18h.

José Weis lança Dyonelio Machado - O alienista do Cati com tinta de jornal nos dedos (Carta Editora). **Autógrafos dia 13/11, 19h (Jorvel - o jornalista velhinho)**



Mais casos de bebidas contaminadas por Metanol



A bandeira desse pessoal jamais será vermelha? Bem... querem que seja. Com listas brancas, um cantinho azul e um monte de estrelas, uma delas representando o Brasil. (Mouzar Benedito)

A parte mais visível da mão invisível do mercado é o estrago em nossas vidas. (Ernani Ssó)

Se a Terra fosse uma empresa, já teria demitido o departamento humano por justa causa. (Carlos Castelo)

frases.de.buenos.dias.y.noches: “Tantas dúvidas com a vacina, mas, quando Pfizer apresentou o viagra, nem leram a bula”. (Ernani Ssó)



Provérbio siciliano: “O tigre e o leão são mais fortes, mas o lobo não trabalha no circo”. (Ernani Ssó)

Krasznahorkai. A partir de hoje, vou usar o nome do Nobel de Literatura como senha. (Carlos Castelo)

Vem aí nova vaga no STF, pro Lula preencher. Que se lembre que foi ele quem pôs lá o Joaquim Barbosa e o Toffoly... (Mouzar Benedito)



Arthur C. Clarke: “Existem duas possibilidades: estamos sós no universo ou não estamos sós. Ambas são igualmente aterradoras”. (Ernani Ssó)

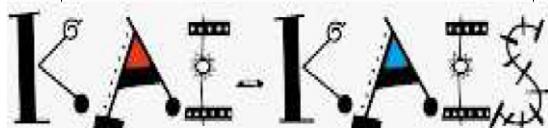
Se música é matemática, o sertanejo é um teorema onde a hipotenusa trai o cateto. (Carlos Castelo)

No Brasil, uma boa parte prefere pôr a venda. Outra parte, à venda! (Celso Vicenzi)

Depois da notícia de quem ganhou o Nobel da Paz e ouvindo uma gritaria a que chamam de “sertanejo universitário”, penso: ainda bem que não existe Prêmio Nobel de Música... (Mouzar Benedito)

A mão do mercado pode ser invisível, mas tem digitais. (Ernani Ssó)

Praticava uma literatura tão híbrida que ganhou prêmios em poesia, ficção e bula de remédio. (Carlos Castelo)



Mouzar Benedito

Tem cada premiado,
Hein, Nobel da Paz!
Faz pensar: aqui jaz.

Kissinger, Obama e Corina!
A paz que eles querem
Deve vir com vaselina!

Bozo, pandemia... ufa
2020!
Quem pode ter saudade?
Lembra desgraça e acinte!

Paz em Gaza, esperança!
Mas meu instinto insiste:
Quando virá nova
mataria?

Se oriente, rapaz!
O Ocidente
Não quer paz.

Ordem e Progresso!
Está na bandeira,
Mas não no Congresso!

Político patético
Nem se preocupa
Em parecer ético

Que tempos mais loucos!
Saudade de antigamente:
O álcool mata aos poucos!

Esses crimes são do PCC?
Tarcísio nega e bronqueia.
Por que será que
esperneia?

Rolou uma química?
Eu sei de onde vieste.
Então sai pra lá, peste!

Milei... O povo argentino,
Tão politizado, às vezes
Descamba, perde o tino.

Eu tive um cachorro que levava pra passear na rua, quer dizer, era um passeio com postes e árvores em linha reta, a uma distância medida. Aí me mudei pra uma casa com um bom mato ao redor. Nos primeiros dias, no entrevero de árvores, ele andava atarrantado e não sabia onde mijar. Tão parecido, o pobre guaipeca, com economistas com suas teorias embaixo do braço ao se deparar com a realidade. (Ernani Ssó)

Depois que ponto de vista virou POV, achei melhor só observar a vida. (Carlos Castelo)

Na TV, acabou a novela Vale Tudo... Mas e no modo de vida atual? (Mouzar Benedito)

Quando a diplomacia israelense entra em campo, já podemos encorajar os caixões. (Carlos Castelo)

Estou escrevendo um romance. Como sempre, tento fazer algo diferente do que já fiz. Como sempre, é cozinhar carne de pescoço em fogo brando com a esperança de que fique macia como filé mignon. (Ernani Ssó)

E o mundo, quando será human friendly? (Carlos Castelo)

Segundo o grupo Les Luthier, outro mundo é possível, mas custa muito caro. Se eliminássemos o mais nefasto dos fatores, a mentalidade militar, seria baratíssimo, com o orçamento indo pra saúde e educação. De quebra, diminuiria muito o nível de empáfia na poluição atmosférica e não precisaríamos assistir a desfiles no 7 de setembro. (Ernani Ssó)

John Maynard Keynes: "O capitalismo é a espantosa crença de que os homens mais perversos farão as coisas mais perversas pelo bem-estar de todos". (Ernani Ssó)

Já disse isso há muito tempo e repito: quando certos políticos se dão as mãos, forma-se um círculo vicioso. (Mouzar Benedito)

Chethan Ramprasad, especialista em motilidade gastrointestinal: "Na verdade, ninguém quer falar sobre algo que está em seu ânus ou reto, mas isso é incrivelmente humano". Não entendi. É incrivelmente humano ter problemas no ânus ou é incrivelmente humano o silêncio de muitas pessoas, que consideram uma hemorroída algo embaraçoso tipo desfilar pelaí com uma cenoura, ou algum outro hortigranjeiro, no rabo? Seja o que for, não tem nada de incrível, pelo contrário. (Ernani Ssó)



A fome é a única religião que nunca perde fiéis. (Carlos Castelo)

Bolsonaro se autointitulou imorrível, imbrochável e incomível. Mas irresistível só o Lula, com o aval do Trump. (Celso Vicenzi)

somemellier: "As árvores que foram más em vida reencarnam como livros de Paulo Coelho". (Ernani Ssó)

Tão controlador que sua biografia não autorizada foi ele que escreveu. (Carlos Castelo)

Quando chega o Novembro Azul, eu sei que é preciso prevenir o câncer de próstata, não precisa me dar um toque. (Celso Vicenzi)

Sim, desde sempre a democracia serviu de máscara pros crimes e ganâncias mais sórdidos, mas – aí é que são elas: os criminosos desistiram de fingir a vergonha que não sentem ou nossa ingenuidade levou um direto na fuça? (Ernani Ssó)

Produtores de figo também podem se transformar em inimigos figadais? (Celso Vicenzi)

O maior drama da classe média é querer ser da elite com salário de professor. (Carlos Castelo)

Rosa Montero, em "La hija del caníbal": "Há quem ache que a música é a arte mais básica, e que desde o começo dos tempos, na primeira caverna em que o ser humano morou, houve alguém que bateu palmas ou golpeou duas pedras para criar ritmo. Mas eu estou convencida de que a arte primordial é a narrativa, porque, para poder ser, nós, humanos, antes temos que contar. A identidade nada mais é que o relato que fazemos de nós mesmos". (Ernani Ssó)

Antigamente, de vez em quando se sabia de um novo golpe na praça. Hoje é na praça, na rua, na avenida, no trevo, no beco... (Celso Vicenzi)

Se a María Corina Machado ganhou o Nobel da Paz, eu posso ganhar o de Química. Tenho mais qualificações que ela: quando era guri fui numa farmácia comprar um sal de fruta pra uma tia. (Ernani Ssó)

A bandeira desse pessoal jamais será vermelha? Bem... querem que seja. Com listas brancas, um cantinho azul e um monte de estrelas, uma delas representando o Brasil. (Mouzar Benedito)

A palavra angelical devia designar algo apaixonante. Veja, segundo o profeta Ezequiel, os querubins não eram bebês fofinhos: tinham rosto de homem, de leão, de boi e de águia conjugados. É pouco? Tinham quatro asas e patas de bezerro. Nem o diabo é mais assustador. (Ernani Ssó)

A burrice ganhou status. Agora é grife. (Celso Vicenzi)



Sonhando acordado

Quando eu era jovem dizia e acreditava que um cara como eu tinha que chegar em casa cansado por ter lutado por alguma coisa. Eu vivia assim. Acredito que hoje muitos jovens também vivam assim, mas na realidade não sei. Muita coisa mudou de lá pra cá, sobretudo com o advento das redes sociais. Hoje vejo muito as pessoas brigando nas redes e não nas ruas. No meu tempo de jovem que coincidia com o período da ditadura, ir para as ruas para protestar era uma das coisas que nos restava. Muitos optaram pela luta armada e pela clandestinidade, mas nesta batalha cabiam todos. Escolhi ficar por aqui, meio escondido, é verdade, trabalhando com o que eu sabia fazer para a volta da democracia.

Era ditadura braba, e hoje fico indignado quando vejo as pessoas dizendo que vivemos numa ditadura. Aí entram as redes sociais. Por um lado, foi bom porque qualquer pessoa hoje pode emitir sua opinião, em compensação, é

cada opinião que sai pra lá!

Mesmo com a ditadura fizemos o Pasquim, publicávamos nos jornais enquanto a censura não vinha, criávamos textos e músicas e quando dava até curtíamos seus efeitos. A resistência do povo ajudou a derrubar a ditadura aliada ao próprio fracasso e incompetência dos militares. Mas, durante todo esse tempo, acreditávamos no sonho. Era a época dos Beatles, do rock and roll, e dos hippies, sobretudo. A possibilidade de se criar um mundo onde o amor prevalecesse era real, independente da viabilidade ou não. Era um impulso, um estímulo e lá íamos nós atrás do trio elétrico e desse sonho. Dormia-se pouco mas vivia-se muito. O amor era quase livre e a possibilidade daquele frescor da juventude conquistar o mundo velho e ultrapassado era verdadeira.

O fim da ditadura com a volta dos exilados não fez a coisa murchar, pelo contrário. A euforia daquele povo todo voltando, reencontrando seu país e

cheio de energia para trabalhar era uma sensação muito boa. Eu mesmo voltei da Itália atraído pela possibilidade de resgatar por aqui um novo país. Voltei e de fato foi muito bom. Completely diferente do que a direita vislumbra hoje como um futuro depois da anistia. Eles não querem a democracia. Querem uma ditadura para chamar de sua. Alguns sabem o que é e como se aproveitarão dela. Outros são ingênuos, formados na internet e não sabem do que se trata. Falo aqui do alto da minha experiência própria que não é nada bom.

A democracia, mesmo que capenga, como a nossa, é muito melhor. Cada vitória do governo, cada passo que o país dá em direção a emancipação do povo me deixa emocionado, feliz. É por aí, e o tempo para isso renasce sempre. Basta acreditar e continuar lutando. Talvez não com o mesmo vigor da juventude, mas com a mesma fé, a mesma crença. Vamos lá que dá. É só continuar sonhando, mesmo que acordado.



1
Pandemia e desredo econômico, sanitário e ambiental no país. Quino recentemente falecido (30/09/2020)



2
Nenhuma esperança com a vitória de Biden nos EUA. A América Latina parecia reagir e falece o cartunista Lan (04/11/2020)



3
A temosia bolsonarista contra a vacina



4
Quando o bolsonarismo tentava ressuscitar o conceito de república de bananas para o Brasil



5
Pela taxação das grandes fortunas. Três anos do assassinato de Marielle Franco



6
A volta por cima!



7
Edição especial. Aumenta o número de desempregados e trabalho precarizado no Brasil. País volta ao Mapa da Fome



8
Necropolítica do bolsonarismo: depois de 400 mil mortes, começa a CPI da Covid



9
Pressão na CPI



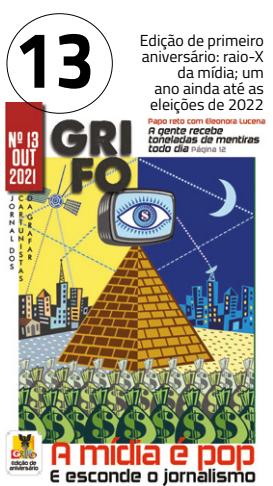
10
500 mil mortos na pandemia. Eletrobras privatizada. Inflação mensal em 0,8%



11
Entrevistamos um ícone: Ivo Milazzo. CPI revela um "gabinete do ódio" no governo. Cobertura especial denunciando bloqueio econômico a Cuba



12
Edição de primeiro aniversário: ráio-X da mídia; um ano ainda até as eleições de 2022



13
Começa as tiras no GRIFO. Homenagem a Carlos Nobre



14
Valéria Barcellos:
Minha existência é política.
Meu corpo é político.



15
Nem Papai Noel aguentou o ano da covid e inflação chegando a 10 por cento



16
Sentenças de Moro contra Lula são anuladas. O governo Bolsonaro piora a cada dia e já existe contágio regressivo para o seu fim



17
Morte de Olavo de Carvalho, ideólogo do bolsonarismo, no mesmo dia em que mais um negro pobre foi assassinado no Brasil: o imigrante congolês Moise



18
No mundo, Joe Biden, novo presidente estadunidense, começo mal na relação com a Rússia



19
Guerra na Ucrânia e a geopolítica mundial mudando. América Latina se move



20
Pente fino no governo bolsonarista de pantufas do gaúcho Eduardo Leite



